

LINHA VIVA

Nº 272
09/06/94
Edição Especial em cores

Foto: Gastão Cassel



A greve de seis dias na Celesc foi um sucesso e paralisou 90% da empresa. Uma vitória da consciência. Na foto, o pequeno ator na peça apresentada durante a greve

**As imagens da greve
estão na página
central**

**Como calcular o
salário na Celesc
com os resultados da
greve**

**Consócio de Itá: a
grande maracutaia**

Página 7

Página 6

Folgas de caixa

O chefe do Departamento econômico financeiro da Celesc, Carlos Henrique, declarou para a Gazeta Mercantil que a Celesc está devendo à Itaipú 6,5 milhões de dólares. A dívida se deve a problemas de caixa por causa da indexação de todos gastos (salários, material, equipamentos) e a não indexação das faturas de energia. No mês de agosto, segundo Carlos Henrique, voltará a existir folga de caixa.

Dê sua sugestão

Desde a semana passada a Intersul está realizando discussões em locais de trabalho e distribuindo um formulário para colher sugestões para a pauta de reivindicações da campanha salarial deste ano. A idéia é, desde já, envolver a categoria nos debates para formular coletivamente as propostas e os rumos a serem trilhados até a data-base e o novo acordo coletivo. A Intersul já está preparando, também, o material publicitário para a campanha.

No lado mais fraco

Acuada pela opinião pública por causa da sua tolerância com os inadimplentes, a Celesc está cobrando as prefeituras devedoras de faturas de energia elétrica. No entanto, os grandes empresários - que devem o grosso dos 38 milhões de dólares - permanecem tranquilos com suas contas no prego.

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricistas de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Conselho Editorial: Fábio Pedro Dal Bó, Arno Veiga Cugnier, Mauro G. Passos, Glaucio C. Marques e Luiz Cézare Vieira. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS 4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricistas de Florianópolis. Impressão: Gráfica do Jornal Diário Catarinense. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (0482) 22-3866. Telefax: (0482) 23-5596. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Governo ameaça a Elos

O governo está dando mais um golpe nas fundações. Desta vez será através de uma proposta de decreto ou Medida Provisória que está em estudos no gabinete do presidente Itamar, atingindo os fundos de pensão das empresas públicas da União. No Sul do Brasil, a atingida é a Fundação Elos, da Eletrosul.

A proposta não respeita o direito adquirido de quem está no plano, apenas daqueles que já se aposentaram. Por exemplo, quem quer se aposentar com 35 anos de serviço e já completou 33 anos terá respeitado os 33 anos de contribuição, mas os dois anos que faltam já estarão dentro das regras do novo plano. Eles chamam isto de proporcionalidade.

A maior mudança é do tipo de plano. Passa de benefício definido para contribuição definida. Hoje, quem está na Elos sabe o que irá ganhar ao se aposentar. Esta regra muda. A contribuição será definida, mas o benefício será indefinido. Além disso, no artigo 7 do Decreto, está previsto o direito irrestrito de retirada da patrocinadora, ou seja, ela pode abandonar o fundo quando quiser.

Plínio Bueno, superintendente da Elos, em entrevista ao Linha Viva, explica melhor o que está acontecendo.

LV - Objetivamente esta mudança significa que vou ficar pagando e depois não sei o que vou ganhar?

Plínio - Trocando em miúdos seria isto. Ou num conceito mais técnico: no plano de contribuição definida, o valor do benefício previdenciário é obrigatoriamente obtido através de equivalência atuarial, a partir do montante acumulado na entidade, com base nas contribuições e respectivas rentabilidades financeiras líquidas, previamente definidas no plano de custeio. O plano de benefício definido é aquele em que o valor do benefício previdenciário não é obtido a partir do montante acumulado na entidade, mas com base nas contribuições e respectivas rentabilidades financeiras líquidas.



Superintendente da Elos teme nova MP

das previamente definidas no plano de custeio.

LV - Trocando em mais miúdos...

Plínio - Hoje a Elos funciona com contribuições do participante e da patrocinadora que são aplicados no mercado. O resultado desta rentabilidade e mais as contribuições formam um bolo geral que vai custear o pagamento do benefício para quem se aposenta. Ele é calculado de acordo com o que está previsto no regulamento. Cada um sabe quanto vai ganhar, decidir qual a melhor hora de se aposentar, calcula sua aposentadoria com antecedência.

LV - Se o decreto for aprovado...

Plínio - O benefício não será mais definido. A contribuição é que será definida. Vou contribuir durante tanto tempo, com determinado valor, só que o benefício que receberei não vou poder aumentá-lo. Terei uma aposentadoria, mas não sei seu valor.

LV - E aqueles que já estão no plano?

Plínio - Para nós, quem está no plano tem direito adquirido. Eles podem mudar as regras para quem entrar agora, mas não para quem já entrou.

LV - Como é que fica a administração da Elos?

Plínio - Eles estão dando um prazo para você se adaptar. Se você não obedecer, a patrocinadora poderá se retirar do plano e aí sim é o caos, porque sem o patrocínio não posso pagar os que já

estão aposentados. Terei que me adaptar de qualquer forma.

LV - Esta retirada irrestrita da patrocinadora também é ilegal?

Plínio - O pagamento que a patrocinadora faz às fundações, que ela mesma criou, é um benefício indireto que ela dá. Sendo assim e tendo sido pago com habitualidade durante muito tempo, fica fazendo parte do contrato de trabalho do empregado. Logo ela não pode retirar este patrocínio, unilateralmente, por que fere o contrato de trabalho. Eu, quando entrei na empresa,

por exemplo, sabia que teria aquele benefício, posso ter me decidido a ficar naquela empresa por causa deste benefício. Poderia ter ido para outra empresa onde o salário era melhor, mas fiquei nesta por causa do benefício, que me traria vantagens quando ficasse velho, ou para minha família quando morresse. Quer dizer: se o empregado for para a justiça, ela vai protegê-lo.

LV - O que o senhor aconselha aos participantes?

Plínio - Estamos alertando para o conteúdo do decreto. Que se mobilizem e que colaborem de qualquer forma junto às autoridades, ao seus vereadores, deputados, associações de classe, amigos, mostrando que isto é uma ilegalidade que não pode ser cometida contra aqueles que já deram muito para o país, que estão trabalhando em véspera de se aposentar e que terão seus direitos feridos. E quem já está aposentado vai sofrer porque se a patrocinadora retira o patrocínio acaba, liquida com o fundo.

Já existe uma lei que modifica a organização dos fundos de pensão no Congresso, que o próprio governo encaminhou, ainda não apreciada pelos deputados. Que incluam isto dentro da lei que está sendo estudada, discutida por todo mundo. Não queremos é engolir goela abaixo um decreto que não foi examinado, nem discutido com os interessados, que são os fundos de pensão e elaborado por um governo em final de mandato.

Minha Doce Secretária...

Algumas guerras nunca acabam. As 132 secretárias que trabalham na Celesc estão lutando desde 1987 contra os desmandos de Ana Maria Netto da Silva, presidente do sindicato das secretárias. Quando a entidade foi criada, há sete anos atrás, Ana largou a profissão e se transformou numa caricatura de líder sindical, ao ponto de reivindicar coisas absurdas como absorventes higiênicos. "Nos ridicularizou", diz Lina Ferreira Muller Moura.

Como o pior sempre está por vir, sucederam-se os descontos em folha para o sindicato, seguidos de viagens da diretoria para congressos exóticos. "Todo ano é a mesma coisa. Virou um vício e nos transformamos em ladras do nosso próprio dinheiro, já que somos forçadas ao desconto. O que elas querem é usar a entidade como fachada para conseguir mordomias. Depois que elas apareceram nossa imagem decaiu e hoje temos um dos piores salários da empresa", reclama Lucelena Maria dos Santos.

Ana porém conseguiu superar-se quando, no último Linha Viva, declarou que só mudando de profissão é que as secretárias da Celesc se livrariam dela. "Ela é simplesmente intragável. Já tirei meu



Carta para Ana :

A respeito de entrevista concedida ao Linha Viva nº 270, de 19.05.94, pela presidente do SINCESC - Sindicato das Secretárias do Estado de Santa Catarina, Srª Ana Maria Netto da Silva, gostaríamos de manifestar nosso repúdio ao referido Sindicato, e deixar claro nossa posição de descontentamento pelas suas idéias e atitudes.

Num momento em que a população brasileira procura resgatar a ética e a verdade em todas as instâncias, esta Srª através de golpes baixos e leis oportunistas, faz de linha de frente de "seu" sindicato a briga pela Contribuição Confederativa para que possa realizar um congresso num navio luxuoso. Enquanto isso, o povo morre de fome, o desemprego cresce, os salários são arrochados e ela... ela pensa em cruzeiros e shows culturais.

Nós secretárias da Celesc, que assinamos esta carta, profissionais conscientes, cidadãs atuantes,

mães e donas de casa, pensamos de outra maneira. Não queremos congressos para discutir reengenharia ou a "New Age" (nova era), queremos sim reconhecimento profissional, melhoria salarial, boas condições de trabalho. Não reconhecemos um sindicato facista, monopolizador e oportunista, que desconhece e desrespeita toda e qualquer forma de democracia. A nossa luta, nós forjamos no dia a dia, através das nossas atitudes, de nosso trabalho, e de nossos valores. E gostaríamos de dizer a esta senhora que antes de desempenharmos a nossa função de secretárias - aliás com muito orgulho - nós somos eletricitárias com mais orgulho ainda.

Viviani Bleyer Remor, Rita de Cássia Fernandes da Costa, Luciana Andréa Chanes, Luciane Maria A. Silva, Cleuse Terezinha G. Schmidt, Sônia Schmidt.

nome daquele sindicato. Ela sequer pensa nas consequências do que faz e dias destes pode se dar mal", espera Graziela, secretária do CEFA.

Nesta mesma entrevista Ana disse que os 1.300 dólares cobrados para o congresso que está promovendo a bordo de um navio é uma ninharia. "Ela além de tudo menospreza a nossa inteligência. Qualquer um sabe que uma viagem destas é mais cara. Além do mais, seria bom que ela soubesse que 1.500 dólares é muito dinheiro para uma secretária", explica Lina.

Não é sem razão que muitas destas profissionais pensam como Lina quando diz que Ana "usa de expedientes escusos para atuar com má fé em relação à gente". A última prova foi no início de maio quando convocou as secretárias para discutir, com a direção da Celesc, o Plano de Cargos e Salários. Veio gente de todas as agências do Estado. Ana abriu a reunião dizendo que o plano já estava acertado. Acabou sendo desmentida pelos próprios diretores da Celesc, presentes na reunião.

Abaixo uma carta assinada por várias secretárias da Celesc, em resposta à matéria publicada no LV - 270

Cada qual para o que nasce...

O chefe do DPRH da Celesc já transmitiu às agências, departamentos e assistências as instruções sobre as compensações do dia 03 de junho. Os grevistas compensarão duas horas, divididas em meia hora nos dias 16, 17, 20 e 21 de junho. Os outros, "aqueles que não fizeram a greve", e que estão exauridos com todo trabalho que tiveram naqueles dias, já realizaram a compensação. O prêmio destes últimos será receber as conquistas sem esforço. Mais um caso onde a isonomia deveria funcionar.

Total Qualidade

A Celesc está querendo implantar o sistema de qualidade total (TQC - Total Quality Control). A empresa já passou por uma experiência deste tipo, nomeada na época de Gestão Participativa. A controvérsia foi grande. Agora volta a querer que compremos esta idéia. Mas, qual será o modelo? O americano (TQM - controle via gerenciamento) ou o misto? Porque não trazem este debate para os funcionários e sindicatos? Muita coisa deve ser melhorada na Celesc, principalmente para que não seja utilizada para fins politiqueros e não tenha este volume (61 milhões dólares) de inadimplência.

Pulando a cerca

Todas greves têm suas histórias engraçadas. Nesta última feita na Celesc o anedotário aumenta a cada dia que passa. Mas o que aconteceu no Despacho de Carga, em Florianópolis, foi verdade e virou até charge. Um chefe foi visto fazendo um buraco numa cerca de arame, para passar despercebido na sua rotina de entra e sai de fura-greve. Só que os grevistas acabaram descobrindo a "manobra" e passaram a assistir de camarote, entre boas risadas, as "furtivas" entradas e saídas do chefe.

Cultura na greve

A Departamento de Cultura do Siner-gia promoveu uma série de atividades culturais durante a greve da Celesc. Apresentações de teatro, dança, mímica e música latino-americana aconteceram nos diversos pontos de concentração dos grevistas.

Nas fotos abaixo uma apresentação de dança, uma de mímica e o pequeno ator que representou um jornalista que, logicamente, distribuía o Linha Viva.



Foto: Gustavo Cusati



A grande vitória foi a consciência

Muitos apostavam que a greve dos trabalhadores da Celesc não iria dar em nada, que não havia mobilização. Mas os fatos se impuseram e em pouco tempo se viu uma greve de seis dias com mais força do que algumas das maiores paralisações da categoria. Havia no ar a pergunta: de onde saiu tamanho espírito de luta?

Não é difícil responder, pois os trabalhadores da Celesc têm uma longa trajetória de lutas, que resistiu a momentos de pressão e terror. O outro elemento aglutinador é a história da enrolação e desrespeito da diretoria da Celesc para com as reivindicações dos empregados. Só para dar um exemplo, desde que assumiu, a atual diretoria não cumpriu integralmente nenhum acordo coletivo. Paciência tem limite.

São incontáveis as reuniões realizadas entre a Intersindical e a empresa que não deram em nada. "Parece que eles gostam de fazer a gente de bobo, dando respostas evasivas e apostando que a categoria não tinha poder de mobilização para se contrapor e exigir seus direitos", pondera Ederaldo A. Johann, diretor do Sindicato de Lages.

A greve paralisou praticamente todo o estado, atingindo cerca de 90% da empresa. Os serviços essenciais foram mantidos, mas várias manutenções e atendimentos foram comprometidos por causa da greve.

O movimento ocorreu com um clima de extrema fraternidade e maturidade, demonstrando um alto grau de consciência e determinação dos eletrici-

rios. Durante todo o tempo as decisões tomadas foram por unanimidade ou imensa maioria. No final da greve Canoinhas, Rio do Sul e Itajaí votaram contra a proposta final (veja detalhes na página 7) e algumas pessoas ainda acham que o resultado prático do movimento poderia ser mais expressivo. No entanto, técnicos do Dieese estão caracterizando o acordo com a Celesc um dos melhores feito no Brasil após o Plano FHC. "Estamos numa conjuntura muito difícil para obter ganhos econômicos e qualquer minimização de perdas é muito importante, especialmente se for fora de data-base", considera Clovis Scherer, técnico do Dieese.

Para a Intersindical a grande vitória da greve foi a retomada da mobilização na empresa, preparando terreno para a campanha de outubro. "A mobilização impressionou até as direções sindicais. E o mais importante foi o caráter não economicista do movimento, mas a unidade do pessoal", diz José Nazareno Corrêa, do Sindicato do Sul de Santa Catarina. "Vamos chegar em condições mais favoráveis na data-base, e com a empresa sabendo que ninguém suporta a sua tática de embromar e desrespeitar as reivindicações. Vai ser uma campanha muito interessante", finaliza Osmar Soares, diretor do Sindicato do Vale do Itajaí.

Jair Fonseca, diretor do Sindicato do Norte de Santa Catarina, lembra também que "tivemos junto conosco desta vez pessoas que nunca tinham entrado num movimento de greve. Isto demonstra que o

trabalho do sindicato foi bem entendido pela categoria".



Assembléias decidiram rumos para o movimento



Negociação: parto difícil de uma proposta de reajuste



Assembléia de Florianópolis que aprovou a volta ao trabalho

Greve denunciou inadimplência dos grandes consumidores

A greve teve a grande virtude de denunciar a escandalosa inadimplência de alguns grandes consumidores da Celesc. Segundo dados da própria empresa valor igual ao faturamento de um mês inteiro está "pendurado" na conta de grandes empresas. Nada menos do que 38 milhões de dólares.

Este assunto acabou sendo um dos de maior repercussão durante o movimento, ganhando inclusive espaço privilegiado na imprensa. Enquanto as divergências sobre o reajuste dos salários estava em torno de um milhão de dólares a serem gastos entre junho e outubro, os inadimplentes seguiam impunes e sem serem molestados.

A Intersindical pediu à presidência da Celesc que divulgasse a lista dos devedores, mas o presidente Victor Fontana, alegando impedimentos legais negou a solicitação. O Procurador da Vara dos Feitos da Fazenda, no entanto, José Raulino Brünig, fez o pedido podendo assim tirar do anonimato os devedores.

A Intersindical considera imoral e estranha a negativa da Celesc em divulgar a lista de devedores. "Eles devem à população e ela deve saber quem está devendo. Que interesses estão escondidos nesta lista?", questionam os sindicalistas.

Outro problema é que a Celesc está repassando ICMS antecipadamente ao governo, inclusive o percentual gerado pelas contas dos inadimplentes. Ou seja, a Celesc não recebe e mesmo assim paga como se tivesse recebido.

Os sindicatos denunciam, ainda, que o preço da energia entregue aos grandes consumidores é muito mais baixo do que aos consumidores residenciais.



A direita, um momento de pressão: os gravistas sobem para ocupar o saguão da sede. À esquerda o pessoal em frente à Agência Florianópolis: "que disposição".



População apoiou greve da Celesc

A população recebeu muito bem a greve dos trabalhadores da Celesc. Os locais de maior contato com o público são as centrais de atendimento. Alf é fácil medir a reação do público. Na sexta-feira passada o Linha Viva esteve na central de atendimento do centro de Florianópolis, onde trabalham cerca de 40 funcionários. Apenas nove pessoas estavam trabalhando na sexta-feira.

Ivan Otacílio da Rosa, procurou a loja atrás da segunda via de uma fatura e voltou para casa sem resolver seu problema. "Tudo bem. Se eles estão reivindicando um direito e este é o único meio de conquistá-lo, tem mais é que ir à luta". Também de acordo está a dona de casa Claudete Veríssimo que procurou a central para mudar a data de vencimento de sua fatura, para coincidir com o dia de pagamento do marido. "Eles estão parados porque precisam. Tá certo".

Débora Saião, não sabia da greve e nem dos motivos do movimento. Depois de ser informada pelos trabalhadores ela disse que

concordava com greves "que são o último recurso depois que acabam as negociações". Débora procurou a central para negociar uma dívida de três meses. O ex-eletricitário Cláudio Sá, que já trabalhou na Eletrosul e estava atrás de uma segunda via de fatura, disse que a greve era uma grata surpresa para ele. "É bom e muito importante ver a categoria unida".

Com vários problemas para resolver (um pedido de extensão de rede para seis casas e uma religação) Amândio Martins não se importou de ter perdido a viagem do interior da ilha até o centro, com sua mulher e um vizinho. "Sou à favor. Todo trabalhador deve ter direito de greve". Já Gláucia Soares, que sabia da greve mas mesmo assim procurou a loja para tirar uma segunda via, acredita que os trabalhadores da Celesc tem direito a ter um salário justo, uma situação melhor".



Ivan Otacílio da Rosa



Seu Amândio com a esposa e vizinho



Gláucia Soares



Claudete Veríssimo

Como calcular seu salário

Os resultados econômicos da greve da Celesc podem não parecer volumosos, mas têm um significado importantíssimo numa conjuntura em que as conquistas econômicas são raridade no país. Após o plano FHC, foi um dos melhores acordos, conforme dados do Dieese.

Na prática ele vai permitir que os eletricitários da Celesc cheguem à data-base tendo para discutir a inflação de março (41%) e a que ocorrer daqui para a frente.

Na avaliação da Intersindical, mesmo reconhecendo os limites do acordo,

este foi o que foi possível num momento em que o próprio governo federal fez um enorme alarde punindo os dirigentes de estatais que converteram os salários para URV pelo pico. No entanto há quem esteja frustrado na categoria, e a estes a Intersindical apela para que entendam a greve como parte de um processo que vai desaguar em outubro, na campanha salarial.

Veja nos quadros produzidos pelo Dieese como serão os reajustes e como calcular seu salário.

Celesc, os reajustes do acordo de junho/94

Salário atual (URV)	Salário de jul (reais)	Reajustes			Salário de set (reais)
		julho	agosto	setembro	
214,73	224,65	4,62%	2,39%	2,39%	235,50
359,89	376,52	4,62%	2,39%	2,39%	394,70
494,64	517,49	4,62%	3,13%	3,13%	550,40
579,91	606,70	4,62%	4,27%	4,27%	659,57
714,54	747,56	4,62%	5,49%	5,49%	831,94
934,64	977,82	4,62%	6,72%	6,72%	1.113,73
1.140,34	1.193,02	4,62%	7,44%	7,44%	1.377,09
1.363,91	1.426,92	4,62%	7,97%	7,97%	1.663,32
1.567,70	1.640,13	4,62%	8,32%	8,32%	1.924,23
1.919,76	2.008,45	4,62%	8,74%	8,74%	2.374,97

Fonte: DIEESE-Subseção Eletricitários SC

Calcule o seu salário de julho:

Salário de junho	x	1,0462	=	salário de julho
	x	1,0462	=	

Calcule o seu salário de setembro:

Salário de fevereiro (C x	1,3967 /	913,50	=	salário de setembro
	x	1,3967 /	913,50	=

Calcule o seu salário de agosto:

Sal. de set	/	sal. de julho	= índice	raiz quad. do índice	x	sal. julho	= sal. a
	/		=		x		=

Sem perder a ternura...

Delman Ferreira
Diretor do Sinergia

A greve da CELESC deixou algumas lições importantíssimas para todos os que dela participaram de alguma forma e, mesmo, para os que "furaram". A primeira delas foi o ambiente em que transcorreu a greve. Ao invés de pessoas tensas, nervosas, a ponto de explodir e perder a cabeça a qualquer momento, participamos de um ambiente de muita descontração. Teatros, grupos musicais, churrascos, pinhão, quentão, murais de poesias, murais de "pelegos", além de muita piada, muita brincadeira espontânea, muita fofoca, que ninguém é de ferro, etc, foram as constantes desta greve.

É possível lutar duro por nossos direitos sem ser agressivos, ficou claro para todos. Desta greve participou quem quis. Os portões ficaram abertos. As únicas manifestações de desgosto contra os furões eram os apitos e as vaias, que serviam para colorir e descontrair, ainda mais, o ambiente dentre os grevistas.

Foi uma greve que extrapolou os limites da luta reivindicatória. E tornou possível trazer a público a leviandade com que as empresas públicas são administradas.

Tornou público as prioridades e o desrespeito do governo com o povo catarinense. A greve dos trabalhadores da saúde, que trouxe sérias consequências para a população usuária da saúde foi tratada com total descaso pelo governo. Já a greve da CELESC, que trazia riscos aos lucros e interesses do grande empresariado do estado e que estava expondo

à população a vergonha das inadimplências e dos acordos que prejudicam a empresa para favorecer os grandes consumidores, foi resolvida com rapidez. A imprensa, quando percebeu o tom de nossas denúncias, também silenciou, só falando da greve superficialmente, sem reproduzir o que tentávamos tornar público.

Sobre as inadimplências, os acordos para mudar de classificação tarifária, trazendo milhões de dólares de prejuízo, os adiantamentos de pagamento, sem nenhuma vantagem para a CELESC, e sobre outras negociações, cabe comentar a hipocrisia de quem prega acriticamente a QUALIDADE TOTAL, e outras modernidades, de quem defende intransigentemente as privatizações, mas não consegue se manter sem se utilizar do Estado. Assim como, a hipocrisia de quem, dentro da empresa, faz o mesmo discurso, enquanto faz acertos para prejudicar a empresa.

Por último, ficou claro nesta greve quem é que está preocupado com a empresa e os serviços públicos. Fica claro a importância de desvincular as empresas públicas dos governos e das quadilhas que elegem governadores e deputados para depois deixar de pagar faturas, impostos, etc.

Os sindicatos dos eletricitários de Santa Catarina não se calarão, a luta em defesa das empresas apenas começou. Continuaremos a expor as negociações de nossos "administradores" e governantes.

Não calaremos enquanto continuarem os privilégios.

Será uma Boa?

Dentre as obras prioritárias para o desenvolvimento da Região Sul, encontra-se a usina Hidrelétrica de Itá. A viabilização do empreendimento é de uma importância inquestionável, devido à vulnerabilidade energética dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e por se tratar de uma usina das mais atrativas, sob ponto de vista econômico, que virá melhorar consideravelmente a confiabilidade do suprimento de energia elétrica na região.

Embora o cronograma das obras se arraste, a Eletrosul vem realizando, com êxito, uma das etapas mais complexas, que envolve a implantação do canteiro de obras, o remanejamento das populações, a construção da infraestrutura básica do aproveitamento e da nova cidade de Itá, bem como um elaborado processo de reassentamento das comunidades agrícolas.

Agora o destino da obra de Itá foi empurrado para uma "parceria" com o capital privado, que exige muitas vantagens para "compensar" o que chamam de pioneirismo. Um grupo de técnicos da Eletrosul, coordenados pelo Sinergia, analisou o consórcio e levanta várias questões. A primeira é que o processo é fechado e, no mínimo, apressado. Foi elaborado a partir das facilidades oferecidas pelo Decreto 915, de out/93, que afrouxa o regime de concessões proposto pelo Código de guas, alterando até mesmo o prazo, através de uma complacente interpretação. Este Decreto abre aos grandes consumidores privados a oportunidade de pegar "uma carona" nas concessões já outorgadas a empresas de serviço público, consorciando-se entre si.

O engenheiro João José Cascaes Dias, diretor do Sinergia, acredita que a conclusão das obras é uma tarefa muito importante e, num contexto de dificuldades, é razoável que as empresas privadas formulem suas propostas, "mas o fundamental é que o exame e aceitação destas propostas estejam condicionados a quem de direito, ou seja, a sociedade." A rigor, trata-se de matéria constitucional ainda não regulamentada, envolvendo temas tão complexos como o gerenciamento nacional dos recursos hídricos, objetivos e condições para a exploração de recursos naturais públicos, planejamento e desenvolvimento, além de questões de ordem social e ambiental. São ações que devem ser articuladas em conjunto, União e Estados, dizendo respeito a serviços essenciais. O que está acontecendo é um açodamento que cria uma situação de fato e o arranjo institucional futuro terá que se curvar a esta realidade.



No caso de Itá, não só as propostas de destinação da energia virão do meio privado, como o próprio processo licitatório e de formulação das regras para a criação dos consórcios foi conduzido a uma consultoria particular, a Engevix. A Eletrosul, enquanto empresa pública, deveria sempre assumir o aspecto

estratégico mantendo a visão global do processo. Por outro lado, o acervo técnico de trabalhos desenvolvidos pela Eletrosul corre solto para fora, como se o valor e a propriedade estivessem resguardados pelo simples interesse empreendedor comum. Teme-se que a participação da Eletrosul no consórcio seja subavaliada pelas auditorias,

limitando-se ao realizado físico, menosprezando-se o conjunto de projetos realizados, o trabalho social e a experiência acumulada.

Sabe-se que as regras foram melhoradas pelo menos em relação ao pretendido inicialmente, mas faltou um amplo debate, para resguardar o interesse geral. Além da audiência pública realizada dia 19 de maio não haverá espaço para qualquer esclarecimento adicional ou oportunidade de questionamento da sociedade. O resultado provável é que 70% do potencial de geração fique com as empresas eletrointensivas que formarão o consórcio. E mais: o valor global da produção, garantido na verdade pelo conjunto do sistema interligado público, será mantido elevado sem um rateio de todos os ônus repassados para as demais concessionárias. Além disto, estas empresas ficarão imunes aos futuros aumentos do preço da energia, pleiteando ainda a isenção de tributos como o ICMS e outros fundos comuns como a RGR.

Finalmente pergunta Cascaes, "onde estariam os interesses dos Estados da região? Sua participação não poderia ser ampliada? Os recursos da bacia do rio Uruguai ficarão comprometidos com indústrias eletrointensivas de outras regiões? O consumo residencial e rural, o dos hospitais, o do comércio e indústria estarão seguros com os 30% que a Eletrosul repassará aos concessionários estaduais? A que preço? A região assumirá sozinha os impactos tarifários quando entrarem em operação as custosas termoelétricas de Jorge Lacerda, Jacupé e Candiota? Será que a sociedade sabe que seus melhores recursos naturais estão sendo alienados irremediavelmente, sem remuneração compensatória, e que a energia barata vai embora de graça?"

TRIBUNA LIVRE

Técnicos, abram o olho!

Jaime Teodósio
Diretor do Sintevi

Desprezando sua formação, desconsiderando sua contribuição como profissional liberal (CREA) e sob o ridículo pretexto de se resguardar de possíveis ações de equiparação salarial, a Celesc ao conceber o Plano de Cargos e Salários, o equiparou a auxiliares técnicos, e o inferiorizou em relação a despachantes de distribuição e técnicos de segurança do trabalho.

A indignação é generalizada dentro da categoria. O descontentamento é visual e a situação é inaceitável, pois a própria empresa admite que a formação do Plano de Cargos e Salários é consequência de "lobbies" de categorias profissionais mais unidas.

O pretexto apresentado pela empresa é o reconhecimento da ingerência, pois se existem auxiliares executando tarefas equivalentes a de técnicos, certamente existem técnicos executando tarefas equivalentes a engenheiros e assim por diante.

Para uma empresa que diz privar pela qualidade de seu serviço, o menosprezo pela categoria dos técnicos de nível médio é nada menos que uma contradição pois esta é de fundamental importância para a manutenção e desenvolvimento deste serviço.

Sendo assim, só me resta clamar você, técnico de nível médio, a se mobilizar.

**Programação
do CIC**

Esta é a programação do Centro Integrado de Cultura. Os eletricitários têm direito à meia entrada com apresentação da carteira do Sinergia, conforme convênio.

Dia 9 e 10 de junho
21 horas - *Parente é Serpente*

Dia 11 e 12 de junho
19 horas - *Parente é Serpente*

21 horas - *A História de Qiu Ju*

20h 30min multimídia :
Thérèse Raquin (Carné 53)

Dia 13 de junho -
21 horas - *A História de Qiu Ju*

Dia 14 de junho -
21 horas - *Parente é Serpente*

Dia 15 de junho -
19 horas - *Parente é Serpente*

21 horas - *A História de Qiu Ju*

Dia 16 de junho -
19 horas - *Parente é Serpente*

21 horas - *A História de Qiu Ju*

**** O Sinergia passa a partir desta data a ter convênio também com o ART7 (eletricitário com carteira do Sinergia, paga meia entrada), cuja programação estaremos divulgando semana quem vem.

Oficinas do Sinergia repercutem na comunidade

As oficinas promovidas pela Diretoria de Cultura do Sinergia estão tendo grande repercussão não só na categoria como na comunidade. Tanto que, no mês passado, quando foi realizada a Oficina de Vídeo Popular, muitas pessoas ficaram sem inscrição por falta de vagas.

A idéia das oficinas nasceu do cadastro de produtores culturais realizado pelo sindicato entre eletricitários e familiares. As pessoas que responderam ao questionário sugeriram a promoção de diversas atividades e as oficinas eram uma delas. Após a realização de dois encontros com os produtores culturais da Celesc e Eletrosul, foi discutido e referendado pelo grupo o Planejamento de Atividades Culturais do Sinergia para 94.

O objetivo do Sinergia com este trabalho é propiciar espaços para que as pessoas possam ser produtores culturais, muito além de meros consumidores de cultura. "Que o eletricitário passe a ser um agente na construção e consolidação de um projeto de cultura", explica Dinivaldo Gilioli, diretor de Cultura do sindicato. "E para isto nada melhor do que oficinas, onde as pessoas oportunizem o resgate dos seus sonhos". Segundo Gilioli muitas outras oficinas vem por aí, além de outras atividades.

Os primeiros resultados estão surgindo. Em decorrência das oficinas de teatro realizadas no verão, foi formado um grupo, o Kate Callanquê, que já montou e apresentou uma peça infantil. "Com este exemplo, mostramos que de uma oficina de fotografia poderá resultar uma mostra de fotografia, de uma oficina de literatura é possível

se montar uma publicação, e assim por diante. Às vezes um simples estímulo é tudo que estas pessoas estão precisando para mostrar o que são capazes de fazer", diz Gilioli.

QUERO MAIS!

Jaime Assis Cordeiro, um dos eletricitários que assistiu a oficina de vídeo, mal consegue esperar pela continuação do curso. "O ideal vai ser quando houver outra oficina que amplie o que aprendemos nesta primeira. Foi um curso muito bom, adquiri uma série de conhecimentos para iniciar, mas agora quero me aprofundar. Quero aprender como fazer uma edição caseira, como separar as várias coisas que ficam dentro de uma fita". Para Jaime a iniciativa do Sinergia foi muito boa. "Deu oportunidade para muita gente entrar pela primeira vez no sindicato e conhecer pessoas de fora. eu, por exemplo, acabei fazendo amizade com um cara que é meu vizinho, que não é da categoria e nem conhecia. Além disso a gente cria um ambiente muito agradável, com esposas e filhos de companheiros".

Maria Bernadete Luz foi uma das participantes da oficina que vieram da comunidade. Ela é funcionária da Udesc e trabalha num núcleo da Faculdade de Educação que utiliza equipamentos de filma-



Ênfase na parte prática estimula participação



Turma da primeira oficina de vídeo popular

gens e vídeo. "Eu não tinha nem noção de como ligar uma filmadora. Foi bom por que deu para me iniciar na coisa. estou interessada numa segunda oficina, que desenvolva estes conhecimentos. Achei uma atitude muito interessante do sindicato. Tive oportunidade de conhecer pessoas de outras áreas e tudo por um preço irrisório".

Marli Coimbra, esposa de um eletricitário, foi outra entusiasta da oficina de vídeo. "Foi o máximo. Fui meio contrariada porque a matrícula era da minha filha que acabou não podendo fazer o curso. Acabou superando minhas expectativas. Acho uma atitude muito bonita do sindicato. Havia estado apenas uma vez no Sinergia e com isto abri as portas do sindicato para mim. É importante para nós, as esposas, podermos nos reunir assim, nos conhecermos, reunir as famílias e até conhecendo outras pessoas de fora da categoria. Só espero que continuem acontecendo outras oficinas, como de fotografia, nas quais mais gente possa participar".

Nova oficina de vídeo está sendo programada para o mês de setembro ou outubro. Os monitores da primeira oficina foram Marcio Vieira de Souza e Cristiana Tramonte, assessores da Diálogo Cultura e Comunicação.